TL 7500

ALOCUÇÃO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA JORGE SAMPAIO

(transcrição da versão gravada integral,
que foi posteriormente "revista" pela
Casa Civil da Presidência da República)

Senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros de Timor Leste,
Senhor Comissário Padre Melícias,
Senhora Presidente da Mesa da CDPM,
Minhas senhoras e meus senhores,

Numa altura destas, que é sem dúvida uma excelente altura para balanço, como disse a nossa querida amiga Luísa Teotónio Pereira, eu agradeço este convite, com particular gosto, e quero mais uma vez dar um abraço público à Drª Luísa Teotónio Pereira pela sua dedicação sem falhas à causa timorense.

Recordo-me bem, há muitos anos, vinte talvez, ou mais, quando me aparecia com as últimas, e depois mais tarde quando o Presidente Xanana estava detido, e a Drª Luísa tinha de certeza o condão de uma comunicação o mais discreta possível com o que se passava precisamente em Timor, mas a sua batalha e dos seus amigos tornaram evidentemente uma espécie de solidariedade activa, presente, sempre presente, entre os timorenses e os portugueses.

Porque é sempre bom termos a noção de que, como recordava Ramos Horta, um momento de grande unidade nacional em torno deste tema vivemo-lo já muito próximo dos tempos de hoje, mas nada disso teria sido possível sem o militante desconhecido, sem as viagens intermináveis e as conferências de imprensa, perante o deserto, que era a atitude sempre presente do Ramos Horta, do Professor Barbedo fazendo os colóquios que quantos na altura, há vinte anos, consideravam completamente esdrúxulos, sem sentido nem significado, tudo isto foi lançando uma resistência, concerteza posterior, isso é evidente, mas também uma espécie de caldo de cultura.

E eu que vivia as coisas com solidariedade, e com interesse, e com companhia, em funções políticas da época – lembro-me daquelas reuniões nos princípios dos anos 80 na Assembleia da República, quando eu perguntava ao Ramos Horta e a outros: "Mas então, expliquem-me lá, como é que vai ser isto da autodeterminação, qual é o conceito, o que é que querem, tudo isto me parece tão profundamente longínquo, que me faz impressão...".

E, todavia, foi isso que foi, evidentemente, com a Igreja timorense, com os clandestinos, com as redes de resistência, com o simples camponês que transporta uma mensagem, tudo isso que agora se tem lido e se tem vivido, isso fez, digamos, fez possível acontecer o que aconteceu, entre 99 e a época da actualidade. Estas coisas são muito duras, muito exigentes, e, portanto, uma palavra para aqueles que aguentaram isto como a causa das suas vidas, e que, ao fazê-lo, tornaram possível esta extraordinária vivência que é de estarmos a um mês da independência que, em rigor, nós ansiávamos que um dia pudéssemos viver o momento...

Mas, aqui para nós (para além, evidentemente, do Dr. Ramos Horta e de vários outros), nós não sabíamos se isso era possível. E, aliás, durante muitos anos, tudo parecia impossível, não se percebia mesmo como é que aquela grande realidade indonésia, com tudo aquilo o que significa - e hoje em dia olhamos para isso de uma maneira diferente, e positiva, e ainda bem – mas nós não percebíamos como era possível continuar.

E alguns ficaram pelo caminho, verdade seja dita, não vale a pena estarmos a rememorar, mas muitas pessoas acharam que não havia saída para isso. E estes senhores, nomeadamente, aqui a Luísa, o Ramos Horta e todos os que estão aqui, de uma forma ou doutra, e vários, e muitos, muitos milhares que aqui não estão e que estão em Timor, acreditaram que isso era possível.

Actualmente, por uma questão de fé, ligando a outras fés que têm, isso foi uma componente sem dúvida significativa, mas porque que acreditaram. E, no fundo, a lição que eu tiro, como mais relevante, não é exclusivamente uma lição timorense, é uma lição daqueles que, contra todos os elementos visíveis e invisíveis, acreditam. Isso é, penso eu, o que há de mais extraordinário entre todos aqueles que se bateram por tudo isto...

Quero também testemunhar pública homenagem ao Padre Vítor Melícias. Ao nosso amigo Padre Melícias devemos muito, concerteza, do sucesso neste nosso compromisso, um compromisso, exigente, de garantir um caminho pacífico para a independência de Timor. A sua capacidade e as suas qualidades de imaginação, de missionário, digamos assim, quase que me atreveria a dizer, de missionário civil, simultaneamente com a outra parte que é a sua vida, eu acho que a sua intervenção revelou também grandes qualidades de determinação, de mobilização e de imaginação para a cooperação entre Portugal e Timor Leste, e isso foi invulgar, como se organizaram inúmeras manifestações de solidariedade, tão importantes para a paz e tão importantes para o desenvolvimento de Timor Leste. Isso tem que ser relembrado, e é importante, Senhor Padre Melícias, independentemente do final legal de um determinado tipo de missão, que a sua capacidade de disponibilidade se não perca em relação a esta causa, certamente que não se perderá nos anos próximos, porque vai ser sempre preciso.

Depois, como se costuma dizer, "last but not the least", agora outra vez uma saudação ao Senhor Ministro Dr. José Ramos Horta, e a todos os timorenses por via dele, e da sua presença. É uma saudação muito especial, porque o Dr. Ramos Horta sempre apareceu nos piores momentos com jovialidade e com determinação. Não sei se tinha relógio, não sei se os fusos horários, e os "jet lags", causaram alguma consequência na sua pessoa, não me parece, deve ser um record absoluto, passamos a vida a batermo-nos por estar no Guiness, o Ramos Horta tem que ir para o Guiness, porque não deve ter havido – digo isto com grande estima – não deve ter havido durante mais de vinte anos quem tivesse calcorreado todo o mundo, sempre a funcionar, sempre a dizer que era possível, sempre com as mais variadas manifestações...

E francamente, quando não se vê o horizonte, é mais difícil. Porque, com todo o respeito por todos os outros, eu sou laico, e a questão da vida além da vida terrena é algo que é muito complicado para mim, eu não sei se é complicado para o Horta, mas ele tinha sempre a ideia de que havia de certeza uma vida depois da vida terrena, e essa vida seria Timor Leste independente... Isso fê-lo ter este raro prazer que é gozar na vida terrena aquilo que ele achou que era quase sobrenatural, é uma coisa única!

Dos exílios, e das variadas manifestações, as pessoas cansam-se, as pessoas começam a dizer mal umas das outras, as pessoas têm sofrimentos vários, e o Horta resistiu a isso. Também foi muito criticado, quantas vezes eu critiquei o Horta, com ele à frente, e às vezes até sem ele estar presente... É verdade! Isto agora é preciso ver, é preciso avaliar isto tudo. Mas cá estamos, cá estamos, porque eles não desistiram. Está bem, a gente deu uma mão, mas eu fico sempre com um ar modesto perante tudo isto, e perante aquele desconhecido timorense, de que ninguém sabe o nome, mas que obviamente levou mantimentos à montanha, levou água,

trouxe mensagens, escondeu pessoas, etc., é esses no fundo que obviamente eram a parte interna, decisiva, de que a parte externa seria naturalmente um prolongamento fundamental.

Mas eu já vi o Dr. Ramos Horta a funcionar em Nova Iorque! Não é em Timor, não é em Londres, não é em Paris... O Dr. Ramos Horta é um íntimo da Nações Unidas! Eu nunca tinha visto, há muitas pessoas que obviamente estão muito à vontade nas Nações Unidas, mas o Dr. Ramos Horta é uma espécie de irmão do Embaixador Holbrooke, eles tratam-se por tu, até me arranjaram um almoço a mim, para eu estar com o Embaixador Holbrooke, e eu não senti que estava tudo ao contrário, não, era assim, ele é que estava lá, ele é que conhecia aquilo, eu era mais estrangeiro, digamos assim, e afinal éramos membros das Nações Unidas há tantos anos, não tinha importância nenhuma. Ele é que conhecia tudo!

E isto, meus amigos, isto depois dá rendimento, dá rendimento político decisivo, o telefone para a pessoa certa, no sítio certo... Evidentemente, os senhores Bispos, concerteza, também, e estas coisas têm que ser recordadas, e eu quero aqui deixar, por isso mesmo, ao fim de vinte e sete anos uma saudação muito amiga e uma admiração por esta extraordinária perseverança, por esta extraordinária capacidade de luta, que eu sei que vai continuar agora ao serviço de Timor independente.

Meus amigos, daqui a pouco tempo será proclamada a independência de Timor Leste. É o fim, concerteza, como sabemos todos, de uma longa caminhada, de um ciclo sem dúvida exaltante, em que a paz e a liberdade são penhor do futuro do novo Estado. E é um novo capítulo, e isso é que eu me esforço de alguns tempos para cá a vir dizer – não é o mesmo capítulo – é um novo capítulo para os timorenses, é um novo capítulo para os amigos dos timorenses. Não é idêntico capítulo, e, por isso, nós que sempre acreditámos, não sabíamos, como eu disse, que iríamos viver isso, mas agora é um novo capítulo, com uma nova responsabilidade, com uma nova responsabilidade para os timorenses, com uma nova responsabilidade para os amigos dos timorenses, para os cooperantes na escala internacional também.

Aquilo que eu desejo profundamente, e quero dizer isto a título pessoal, e também como - se me permitem, modestamente - militante desta causa, é que tudo possa ser feito para que a causa, a independência, o futuro, não saiam do quotidiano pelos bons exemplos. Isso é que vai ser crucial!

Esta experiência mobilizou o mundo. Quem se lembra do que ela foi desde 1975 até hoje, percebe que muita coisa, de teor diferente, de grau diferente, se passou nestes 27 anos. E, nos últimos dois ou três, a atenção internacional mobilizou-se por variadíssimas razões.

Primeiro, porque a violência e o escândalo foram totais, e isso, com alguma dificuldade, é certo, de início, mas mobilizou e fez render o trabalho anterior de uma forma colossal, e porque os timorenses deram a esse respeito também mais uma demonstração muito forte.

Depois, porque as Nações Unidas se empenharam numa experiência que foi completamente nova, porventura as consequências da novidade, mas ao mesmo tempo com o desejo de mostrar um caminho que era possível ser feito.

Agora, há a terceira parte de tudo isto, que é a parte mais importante, que é um Estado independente. E começa por ser necessário dizer que os Estados independentes são muitos, e há uns maiores que outros, como todos sabemos, e há uns mais influentes do que outros. E é

por isso preciso termos a noção de que vai ser preciso continuar a trabalhar, já aqui foi referido – e estas palavras do Dr. Ramos Horta são muito importantes e decisivas, a disposição do Senhor Padre Melícias, o caminho que pessoas como a Luísa e certamente muitos que estão aqui, vários eu conheço bem, vão obviamente continuar – peço que continuem todos a um novo título, num novo capítulo, com uma nova exigência, é preciso que a independência funcione bem, é preciso que a credibilidade se mantenha, é preciso que a democracia e a segurança se consolidem, é preciso que a normalidade vá ser agora o exemplo.

Não é um exemplo heróico, porque de heroísmo já deram os timorenses larguíssimas provas, o mais importante, a meu ver, que agora vai ser necessário não é a pequena história que é relatada nos primeiros noticiários, não, o que vai ser história, o que vai ser importante é que a normalidade do novo Estado, da nova democracia, do seu funcionamento, da luta contra a doença, da luta pelo desenvolvimento, da escolaridade, da língua, da organização política, da cooperação institucional, são esses agora os critérios mais exigentes em que naturalmente depositamos todos uma enorme esperança.

E quero por isso aproveitar este momento para exprimir o compromisso de Portugal de que vai continuar a apoiar os timorenses e a República de Timor Leste, e vai continuar porque esta tem sido uma causa que uniu, como já aqui foi dito, de forma eloquente, os portugueses, os portugueses de todas as bandeiras, de uma forma extraordinária.

E nós tivémos, os quadros de solidariedade – como poderão ser designados os professores, os militares, os médicos, os economistas, os juristas, os polícias, os cooperantes – , todos eles foram demonstrativos de uma grande disponibilidade, pelo que, e esta é a novidade da cooperação destes anos, comparativamente com outros modelos, tiveram atrás de si um país, e isto é novo relativamente à chamada rotina da cooperação. Eu julgo que os cooperantes perceberam, e sentiram, que isto não era uma causa como as outras, não era uma rotina, não era uma burocracia, era uma coisa que prolongava o testemunho português numa situação complexa e profundamente exigente.

Essa novidade é que talvez tenha sido o segredo daquilo que aconteceu. E é preciso que, no tal novo capítulo que mencionei há pouco, essa novidade continue porque, de alguma maneira, esta cooperação, concerteza em novos moldes, concerteza agora dirigida às carências mais exigentes do novo Estado, esta cooperação tem que ser modelar e tem que demonstrar que é possível fazê-la para construir um Estado, solidificando uma Nação, como é o caso.

E por isso, passados estes tempos, agora que vamos passar para a construção do Estado, eu espero que tudo isto permita a continuação do nosso envolvimento, da nossa solidariedade, num quadro constitucional de pluralismo, de solidariedade e, obviamente, de liberdade. Essa conquista não pode desaparecer, a liberdade é hoje o cimento do novo Estado, deixou muito sangue para trás pela sua luta, muitas vítimas, muitas perseguições, mas ela aí está, como a força agregadora, com o significado que necessariamente tem.

Eu quero por isso, meus amigos, fazer um apelo para que não caiamos na má rotina, e que caiamos nesta nova responsabilidade, com a determinação e a coragem com que vocês todos têm, no terreno e não só no terreno, também na retaguarda, se têm batido por esta grande causa, que é uma causa que, obviamente, nos tem honrado, porque também teve atrás de si a determinação, a simplicidade, aqueles olhos profundos que os timorenses têm, e no fundo uma esperança que transcende muitas vezes as difíceis coisas do quotidiano.

Quero por isso, meus amigos, agradecer-vos a todos, à Luísa, em especial, e aos seus colaboradores, e a todos aqueles que aqui estão, de diversas proveniências, de diversas profissões, saudar todos os que estão em Timor Leste, concerteza, porque aí é que também se vai jogar muito, e se Portugal, na parte que nos respeita, continuar a ter a atenção a esta causa, agora com novas roupagens, no centro das suas muita preocupações, e temos algumas, como toda a gente sabe, então eu acho que aquilo que temos de melhor, o nosso espírito de generosidade, de solidariedade, a força das convicções – às vezes, precisamos de a fazer imergir, porque a temos cá dentro, também estamos gratos aos timorenses porque nos fizeram imergir aquilo que é uma das melhores características dos portugueses, que é a sua generosidade, a sua capacidade de solidariedade.

Por isso, obrigado por esta convicção que nos ajudaram também a manter e a manter viva, a nossa disponibilidade, que existe, e a todos os timorenses, e em especial aqui ao Dr. Ramos Horta – que regressa para funções agora sólidas no novo Estado – desejo muitas felicidades pessoais, concerteza, muitas felicidades para os timorenses, e que este novo capítulo, em que muitos de nós já não talvez esperassem poder viver, que este novo capítulo seja o capítulo que os timorenses merecem, e que todos nós tínhamos esperança – vaga ou não – que um dia também pudéssemos viver.

Muito obrigado!